

## O JECA TATU EM LIVROS DIDÁTICOS: UMA BREVE ANÁLISE

Antonio Lamenha<sup>1</sup> (UFRPE)

Renata Pimentel<sup>2</sup> (UFRPE)

Sherry Almeida<sup>3</sup> (UFRPE)

**RESUMO:** Com incentivo do centenário da publicação do artigo *Urupês*, de Monteiro Lobato, este trabalho pretende analisar o tratamento do Jeca Tatu — emblemático personagem lobatiano e símbolo do caipira brasileiro do início do século XX — em livros didáticos do Ensino Médio da disciplina Literatura, a saber: *Literatura Brasileira – Em Diálogo com Outras Literaturas e Outras Linguagens* (2009), de William Cereja e Thereza Cochar, e *Literatura Brasileira – Das Origens aos Nossos Dias*, de José de Nicola (2007). Nosso método consistirá em: 1) leitura e/ou releitura de textos de Monteiro Lobato que incluam a figura do Jeca, como *A Barca de Gleyre*, *Ideias de Jeca Tatu* e o já citado *Urupês*; 2) leitura dos capítulos ou trechos de livros didáticos de Literatura relacionados a Monteiro Lobato e, mais especificamente, ao personagem Jeca Tatu: como o definem, quanto espaço dedicam a ele, quais textos lobatianos se incluem na obra para explicá-lo, etc.; 3) comparação entre a nossa leitura dos textos de Monteiro Lobato e a leitura realizada pelos autores dos livros didáticos; 4) análise da visão apresentada do Jeca Tatu nos livros didáticos selecionados. Embasamo-nos, nesta análise, em autores variados, como Lins (1977), Leme Brito (1999) e Bender (2006). Este trabalho poderá servir a professores, pesquisadores e alunos que anseiam estudar a obra de Monteiro Lobato e refletir sobre a figura do Jeca e o material que se veicula no ambiente escolar a respeito do personagem. Além disso, é de suma importância conhecer e investigar a validade textual das informações contidas nos livros didáticos, ainda mais diante da tendência de veladas censuras, mediação de paratextos e ingênua condenação do discurso de autores antigos, entre outros modos de apagar a nossa história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monteiro Lobato; Jeca Tatu; livros didáticos.

**RESUMEN:** Con el inventivo del centenario de la publicación del artículo *Urupês*, de Monteiro Lobato, este estudio busca analizar el tratamiento de Jeca Tatu — emblemático personaje lobatiano y símbolo del campesino brasileiro del inicio del siglo XX — en libros didáticos de la enseñanza media de la disciplina Literatura, a saber: *Literatura Brasileira – Em Diálogo com Outras Literaturas e Outras Linguagens* (2009), de William Cereja e Thereza Cochar, e *Literatura Brasileira – Das Origens aos Nossos Dias*, de José de Nicola (2007). Nuestro método consistirá en: 1) lectura y/o relectura de textos de Monteiro Lobato que incluyan la figura de Jeca, como *A Barca de Gleyre*, *Ideias de Jeca Tatu* y el ya mencionado *Urupês*; 2) lectura de los capítulos o fragmentos de libros didáticos de Literatura relacionados a Monteiro Lobato y, más específicamente, al personaje Jeca Tatu: como lo definen, cuanto espacio lo dedican, cuáles textos lobatianos se incluyen en la obra para explicarlo, etc.; 3) comparación entre nuestra lectura de los textos de Monteiro Lobato y la lectura realizada por los autores de los libros didáticos; 4) análisis de la visión presentada de Jeca Tatu en los libros didáticos seleccionados. Nos basamos, en este análisis, en autores variados, como Lins (1977), Leme Brito (1999) y Bender (2006). Este estudio podrá servir a profesores,

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

investigadores y alumnos que ansían estudiar la obra de Monteiro Lobato y reflexionar sobre la figura de Jeca y el material que circula en el ambiente escolar con respecto al personaje. Además de eso, es de suma importancia conocer e investigar la validez de las informaciones de los libros didácticos, aún más ante la tendencia de veladas censuras, la mediación de paratextos y la ingenua condenación del discurso de autores antiguos, entre otros modos de apagar nuestra historia.

**PALABRAS CLAVE:** Monteiro Lobato, Jeca Tatu; libros didácticos.

## 1. Introdução

Com incentivo do centenário da publicação do artigo *Urupês*, de Monteiro Lobato, no dia 12 de novembro de 1914, no jornal *O Estado de S. Paulo*, pretendemos analisar neste trabalho o tratamento do Jeca Tatu — emblemático personagem lobatiano e símbolo do caipira brasileiro do início no século XX — em livros didáticos do Ensino Médio da disciplina Literatura.

Elegemos duas obras bastante acessíveis e amplamente utilizadas no Ensino Médio atualmente, a saber: *Literatura Brasileira – Em Diálogo com Outras Literaturas e Outras Linguagens* (2009), de William Cereja e Thereza Cochar, e *Literatura Brasileira – Das Origens aos Nossos Dias* (2007), de José de Nicola.

Nosso método consistirá em: 1) leitura e/ou releitura de textos de Monteiro Lobato que incluam a figura do Jeca, como *A Barca de Gleyre*, *Ideias de Jeca Tatu* e o livro de contos *Urupês*; 2) leitura dos capítulos ou trechos de livros didáticos de Literatura relacionados a Monteiro Lobato e, mais especificamente, ao personagem Jeca Tatu: como o definem, quanto espaço dedicam a ele, quais textos lobatianos se incluem na obra para explicá-lo, etc.; 3) breve pesquisa, em bibliografia especializada na área de leitura, literatura e educação, que nos incite a refletir sobre as representações difundidas — e como se dá essa difusão — da obra de Monteiro Lobato aos potenciais leitores; 4) comparação entre a nossa leitura dos textos de Monteiro Lobato e a leitura realizada pelos autores dos livros didáticos; 5) análise da visão apresentada do Jeca Tatu nos livros didáticos selecionados. Constituirão nosso aporte teórico textos de Lins (1977), Manguel (2000), Britto (1999), Rangel (2005), Pinheiro (2006).

Este trabalho poderá servir a professores, pesquisadores e alunos que anseiam estudar e/ou pensar sobre a obra de Monteiro Lobato, a figura do Jeca e o material que se veicula no ambiente escolar a respeito do personagem. Além disso, é de suma importância conhecer e investigar a validade textual das informações contidas nos livros didáticos, ainda mais diante da tendência de veladas censuras, mediação de paratextos e ingênua condenação do discurso de autores antigos, entre outros modos de apagar a nossa história.

## 2. Por que Monteiro Lobato está no livro didático de Literatura?

Não pretendemos, nesta seção, *definir* os porquês de Monteiro Lobato marcar presença nos manuais de Literatura Brasileira do Ensino Médio, senão especular por que o autor mereceu sua posição de escritor pré-modernista nos livros selecionados para este trabalho, ou seja, o de Cereja e Cochar (2009) e o de Nicola (2007), e averiguar quais os princípios que guiam esses manuais.

Costumam os materiais didáticos, em sua apresentação, discriminar critérios que lhes serviram de base para a sua composição ou, ainda, como justificativa para as suas escolhas. Apenas por sua extensão, e não por outro motivo, daremos atenção maior à apresentação de Cereja e Cochar. E por aí iniciaremos.

## 2.1 Apresentação de *Literatura Brasileira – Em Diálogo com Outras Literaturas e Outras Linguagens*

Cereja e Cochar abrem suas considerações da seguinte maneira: “Neste nosso mundo moderno ou pós-moderno, que privilegia a imagem e a rapidez das informações, parece não haver espaço para a palavra, para a leitura e para o estudo da literatura. Essa impressão, contudo, não é verdadeira” (2009, p. 3).

De fato, não podemos negar que, no nosso mundo, a leitura *literária* perde seu espaço para as atrações midiáticas e da cultura de massa, e entre estas a imagem tem seu poder bastante explorado atualmente. Muitos livros didáticos, nesse sentido, não apenas de Literatura Brasileira, como também de Língua Portuguesa, reproduzem os desejos do senso comum — seu maior cliente. Em outras palavras, as informações midiáticas e a imagem não se eximem de exercer sua influência no mercado editorial pedagógico. Guardemos essas observações para adiante, quando chegarmos ao fragmento do livro sobre Lobato, pois Cereja e Cochar parecem cair na armadilha por eles mesmos anunciada.

Um pouco mais à frente da apresentação, na definição dos autores:

Estudar literatura é enfrentar o desafio de ler os grandes textos literários criados pela humanidade, extrair-lhes o sentido mais profundo e perceber de que forma estão relacionados com o momento em que foram concebidos. [...] Estudar literatura é perseguir os diálogos que o homem criou e vem criando consigo mesmo em diferentes tempos e espaços [...] (2009, p. 3).

Daqui, ao demarcarem o que seria *estudar literatura*, podemos começar a perceber os critérios que guiam as escolhas dos autores. Ainda que a qualificação de um texto como “grande” seja relativa e frágil, a proposta de leitura sincrônica e diacrônica consolida uma visão de Literatura Brasileira que abarca Monteiro Lobato: o criador do Jeca, de fato, marcou o seu tempo, comprometeu-se com ele, fomentou e fomenta até hoje diálogos, polêmicas, reflexões.

Já ao final, no entanto, Cereja e Cochar tendem para o lado da leitura sincrônica: “Cada leitor, quando os lê, os reescreve com o seu próprio olhar e com o olhar de seu tempo. [...] Venha você também participar desta viagem: a aventura de ler!” (2009, p. 3). Esse olhar do leitor preso ao seu tempo não permite a leitura de mundo, ou de outros mundos, momentos, espaços, com outros seres, costumes, leis, objetivos — dificulta até a “viagem” sugerida em seguida. Esta, por sua vez, como uma metáfora à condição de leitura, não tem sido vista com bons olhos. Britto (1999) a considera uma representante da “pedagogia do gostoso”, que “nada tem a ver com a construção de conhecimento ou com a experiência solidária e coletiva de crítica intelectual” (p. 8), mas somente com o nível de deleite proporcionado.

## 2.2 Apresentação de *Literatura Brasileira – Das Origens aos Nossos Dias*

O texto de apresentação de Nicola começa com citações de Marilena Chauí e Jean-Paul Sartre, que fomentam seus comentários acerca da participação do leitor, da leitura literária que forma a leitura de mundo, do prazer estético, do cânone. Este último aspecto nos interessa, neste trabalho, mais do que os outros, pois a partir dele vislumbramos o que propõe o autor no tocante à literatura na escola e aos seus critérios de seleção literária:

O escritor Italo Calvino, em um texto famoso – *Por que Ler os Clássicos* –, afirma que “a escola deve fazer com que o aluno conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) ele poderá depois reconhecer os ‘seus’ clássicos. A escola é obrigada a dar-lhe instrumentos para efetuar uma opção: mas as escolhas que contam são aquelas que ocorrem fora e depois de cada escola” (2007, p. 3).

Nicola aponta, ao recorrer a essa citação de Calvino, a flexibilidade do cânone literário, talvez por acreditar que “os melhores guias são os caprichos do leitor — confiança no prazer e fé no acaso” (MANGUEL, 2000, p. 26): aceita-se a necessária e inevitável autonomia do leitor, que, por mais influências, aulas, indicações e condicionamentos, tem a palavra final na decisão da leitura e das suas preferências. Ainda veremos, na análise da parte do livro sobre Lobato, como esse princípio de Nicola reverbera nas suas descrições e escolhas. Seria Lobato, portanto, um dos clássicos que a escola precisa ofertar ao aluno para que este amadureça seu senso de arte e se forme, enfim, leitor autônomo e crítico.

### 3. Considerações sobre a transformação do Jeca na obra lobatiana

No momento da sua primeira aparição, no artigo *Urupês*, o Jeca não era visto com bons olhos por Monteiro Lobato: representava o parasitismo, a preguiça, a apatia. Constante defensor do desenvolvimento econômico brasileiro, o escritor enxergava no caipira entraves para o aumento da produtividade do País. “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!” (2009, p. 170), atacava Lobato, referindo-se às visões idealizadas construídas pelos intelectuais da cidade, em oposição às suas, de quem viveu o ambiente rural das fazendas herdadas do avô. Além disso, o presumido conformismo — nesse caso, interpretado como consciente, opcional — do Jeca, logicamente, não instigaria o progresso: “Todo o inconsciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive” (2009, p. 172).

Analisar o multifacetado personagem apenas baseando-se no *Urupês*, sem dúvida, limita-o e encurta-lhe a vida. Rigorosamente respeitando a sua proposta de análise, o crítico literário e escritor Silviano Santiago (1998) assim o fez, em ensaio sobre a obra adulta de Lobato, publicado na *Folha de S.Paulo*, em 28 de junho de 1998 e intitulado *Um Dínamo em Movimento*. Por “obra adulta”, deve-se entender, nesse caso, a produção ficcional não direcionada ao público infantil ou os textos críticos veiculados em jornais e posteriormente publicados em livros. Compromete-se, assim, a análise do Jeca Tatu ao longo da obra lobatiana, pois são ignorados textos fundamentais: as cartas de Lobato ao

fiel amigo Godofredo Rangel, reunidas em *A Barca de Gleyre* (1951); os artigos voltados para a questão do saneamento, compilados em *Problema Vital* (1951), sobretudo *Jeca Tatu*, que serviu de folheto propagandístico do Biotônico Fontoura; e o texto *Zé Brasil*.

Para começar, retomemos uma carta de 1917 d'*A Barca de Gleyre*, na qual Lobato afirma: “Virei a casaca. Estou convencido de que o Jéca Tatú é a única coisa que presta neste país” (1951, tomo 2, p. 160). Podemos ver o escritor já revisando seu personagem, ainda que, então, de maneira confidencial.

Em *Problema Vital*, à medida que expõe ao Brasil a luta de pesquisadores pela melhoria das condições de saneamento — e, por conseguinte, de saúde — das cidades e interiores brasileiros, Lobato repensa e reelabora seu emblemático personagem caipira. Para ele, “[...] a solução definitiva do problema eterno da lavoura quem dará é a higiene” (1951, p. 242). Comentando, em artigo, a experiência de cuidados médicos em uma fazenda de franceses no interior de São Paulo, o escritor nota a transformação do trabalhador: “Das carcaças opiladas onde morrinhava a indolência do pobre Jéca Tatú, saiu, pelo equilíbrio alimentar, um homem resistente; pela cura das mazelas, um homem ativo; pela noção do relativo conforto, um homem sedentário, que ‘parava’ na fazenda e criava amor à faina agrícola” (1951, p. 283).

Merece maior destaque o texto *Jeca Tatu*, último da compilação, em que podemos constatar o reexame das posturas de Lobato. Em “Todos que passavam por ali murmuravam: / — Que grandíssimo preguiçoso!” (1951, p. 329), vê-se a autoironia, já que ele próprio era um dos que olhavam o Jeca e o tachavam, injustamente, de fatalista e acomodado. A solução de todos os males do caipira — a higiene — aparece no contato do Jeca com um médico: “Um dia um doutor portou lá por causa da chuva e espantou-se de tanta miséria. Vendo o caboclo tão amarelo e chucro, resolveu examiná-lo. / — Amigo Jéca, o que você tem é doença” (1951, p. 331). Depois de curado, o Jeca prospera economicamente e se torna um fazendeiro que pensa nos seus semelhantes: “E a curar gente da roça passou Jéca toda a sua vida. Quando morreu, aos 89 anos, não teve estátua, nem grandes elogios nos jornais. Mas ninguém ainda morreu de consciência mais tranquila. Havia cumprido o seu dever até o fim” (1951, p. 340).

Já em *Zé Brasil*, texto de propagação de ideais comunistas lançado em 1947, o personagem homônimo compara-se ao Jeca, mas, após ter sido tratado das doenças que o afligiam, não envereda pelo acúmulo de bens, senão pela sua distribuição: defende e alcança a reforma agrária, sempre que possível enaltecendo a luta de Luís Carlos Prestes. A autoironia também se faz presente no texto: “A gente da cidade — como são cegas as gentes das cidades!... Esses doutores, esses escrevedores nos jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável ... não havia o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha atenção nas doenças que derreavam aquele pobre homem — opilação, sezões, quanta verminose há, malária” (parte III).

Como pudemos, de forma geral, perceber nessa breve visitação de textos lobatianos, o Jeca Tatu se transforma ao longo dos anos, sendo alvo da constante (auto)avaliação e reformulação do seu autor.

#### 4. Análise: a Literatura Brasileira já não cabe no livro didático<sup>4</sup>

Antes de iniciarmos as análises de fato dos livros selecionados, faz-se necessário comentar algumas questões sobre o tema — influenciados, basicamente, por dois estudiosos do livro didático —, sobretudo sugestões a um bom material de literatura ou problemas comuns e recorrentes neste.

Pinheiro (2006), acerca dos manuais, diz-nos que “[...] vamos percebendo que um livro difere pouco de outro” (p. 103). Nessas poucas diferenças, ele percebe que “Além da quantidade [pequena de textos literários], há também a questão do fragmentarismo” (p. 106). Não raro, é verdade, encontramos em livros didáticos apenas trechos de textos, com objetivos determinados: mostrar traços do autor ou de um estilo de época (PINHEIRO, 2006); e a pleora de imagens. Ainda segundo Pinheiro, “[...] se o manual é de literatura, espera-se que a predominância seja de textos literários — na medida do possível, completos [...] Nesse sentido, muitos espaço concedido a imagens poderia ser ocupado por mais textos nos livros didáticos” (p. 109).

Mais um problema elencado por Pinheiro diz respeito à pretensão de abordar, em pouco tempo, uma grande gama de autores sem focar em nenhum tema/texto/movimento estético. “Por eleger uma formação de caráter enciclopédico, acaba-se por se conhecer muito pouco cada obra, sobretudo no que ela tem de singular” (2006, p. 110). Tanto Nicola quanto Cereja e Cochar, na divisão dos capítulos, seguem a cronologia histórica, que os obriga a juntar diversos elementos, ainda que díspares ou distantes, e a expor superficialmente cada tema/texto/movimento estético. No caso de Lobato, os autores dos dois livros situam Lobato como pré-modernista e precisam, assim, relacioná-lo com esse período da história literária.

Rangel (2005) também trata do fragmentarismo, defendendo a presença de textos autênticos e na íntegra, e inclui na discussão a validade das atividades propostas pelo livro didático:

“[...] o material selecionado deve ser autêntico (ou seja, produzido não especificamente para fins didáticos) e apresentar unidade de forma e sentido. Do ponto de vista das atividades de leitura, o que se avalia é em que medida o trabalho proposto contribui efetivamente para a formação do leitor e o desenvolvimento de sua proficiência” (p. 148).

Rangel também sugere que um importante objetivo do ensino de Literatura, e consequentemente dos seus manuais, “Trata-se, sim, de situar o ensino da literatura no lugar que é da própria literatura: o da experiência singular, da descoberta, do jogo estético” (p. 151).

Sabendo que, pelas limitações de espaço, os manuais nunca acolherão uma história literária de nenhuma nação, que dirá a de um país grande e multicultural como o nosso, em sua totalidade — em outras palavras: os seus autores convivem com o acosso das escolhas e, por conseguinte, das perdas —, assumimos que nossa análise poderá parecer demasiado rigorosa. Acreditamos, contudo, que se faz necessário (re)pensar e desconstruir certas generalizações e posições questionáveis, além de dar valor à

---

<sup>4</sup> No que se refere à parte escrita das seções dedicadas a Lobato nos livros didáticos, os textos literários, de apresentação e das atividades só se tornarão objeto de análise deste artigo caso se relacionem ao personagem Jeca Tatu.

importância que o livro didático de Literatura Brasileira pode ter nas vinculações estéticas e na formação do aluno, do leitor, do ser crítico, do cidadão.

Começamos por *Literatura Brasileira – Em Diálogo com Outras Literaturas e Outras Linguagens*, de Cereja e Cochar. Quatro páginas dedicam-se à obra de Monteiro Lobato, nas quais aparecem seis imagens: uma foto e uma caricatura de Lobato, a reprodução de um cartão-postal trocado entre Lobato e sua esposa, duas capas de livro e uma foto do elenco da segunda adaptação das histórias sobre o Sítio do Pica-Pau Amarelo para a TV, da Rede Globo.

O título da seção, “Monteiro Lobato: um dinamismo em movimento”, remete ao ensaio de Silviano Santiago, referido anteriormente, sobre a obra adulta de Lobato. Um trecho desse ensaio, inclusive, aparecerá ao final da parte destinada a Lobato.

Numa breve descrição biográfica, fala-se sobre o autor e o Jeca Tatu: “Moralista e doutrinador, aspirava ao progresso material e mental do povo brasileiro. Com a personagem Jeca Tatu — um típico caipira acomodado e miserável do interior paulista —, por exemplo, Lobato criticava a face de um Brasil agrário, atrasado e ignorante, cheio de vícios e vermes” (2009, p. 383). Os primeiros adjetivos citados já denotam um posicionamento ideológico que enxerga a obra lobatiana com certa desconfiança. *Moralista* e *doutrinador* não traduzem boa imagem, não seriam palavras elogiosas. Embora Cereja e Cochar declarem, na apresentação, sua intenção de buscar os diálogos possíveis entre o ontem e o hoje, escondem a ideologia intrínseca a essa procura. Não conseguem esconder na descrição de Monteiro Lobato. Além disso, a caracterização do Jeca Tatu parece apenas relacionar-se ao artigo *Urupês*, esquecendo-se das mudanças que Monteiro Lobato apontou na sua visão acerca do personagem e, por conseguinte, acerca do caipira brasileiro.

Na seção “Leitura”, Cereja e Cochar reproduzem um pequeno trecho de *Urupês*, partindo da intenção de mostrar como Lobato retratava o Jeca, “que ele imortalizou em nossa literatura” (2009, p. 385). Aqui, revela-se uma contradição: afirma-se que Lobato imortalizou o Jeca, mas Lobato é acusado e rotulado — maneiras de “imortalizar” supostos aspectos de um escritor — de “moralista e doutrinador”. Então, moralismo e doutrinarianismo seriam, também, “imortalizados” em nossa literatura, devido a uma leitura de certa parte da crítica literária e da posterior reprodução por parte de autores de livro didático? Ou pelo referendo do próprio público-leitor se “imortalizaria” um escritor de modo mais justo e autêntico? Embora não tenhamos uma resposta objetiva e fixa para essas perguntas, acreditamos na segunda opção, sobretudo se o público-leitor referido se encontra em formação, estudando literatura brasileira na escola. Além disso, ao pé da página, encontra-se um glossário com oito palavras, medida não tão apropriada aos alunos do Ensino Médio quanto aos do Ensino Fundamental, pois dispensa a possível pesquisa num dicionário ou na internet e o entendimento de uma palavra por seu contexto.

Sobre a recepção do personagem lobatiano Jeca Tatu, os autores incluem dois trechos de textos críticos/artigos de jornal e revista brasileiros. O primeiro, um recorte de um texto de Roberto Pompeu de Toledo, veiculado na *Veja*, elogia a criação do personagem, qualificando-o como “uma grande descoberta” e “um soco no estômago — no estômago da ignorância ou no da hipocrisia”. Não aparece, porém, a data de publicação do texto, o que pode confundir o aluno. Já o segundo, que apresenta data (citada anteriormente) e se veiculou na *Folha*, de Silviano Santiago, traz um parágrafo que critica fortemente o homem Lobato e a criação do seu personagem caipira. Se lemos o texto completo de Santiago, um longo (para os parâmetros dos jornais brasileiros) e sintético

(até porque suas condições de produção não lhe permitiam nada muito elaborado ou detalhista) artigo sobre a obra adulta de Lobato, vemos que se faz uma rápida leitura de cada livro, surgindo colocações elogiosas algumas vezes, e outras não. No caso específico do Jeca, Santiago expõe um lado fazendeiro frustrado de Lobato, que o haveria incentivado a criar o caipira parasitário, sem enxergar suas próprias condições de patrão parasita. Sem dúvida, Santiago propõe uma interessante leitura, chamando-nos a pensar na relação de trabalho com a qual Lobato, de fato, conviveu por um tempo e na qual não obteve lucros. É importante assinalar que o crítico comete o mesmo deslize de Cereja e Cochar: julga o personagem Jeca Tatu e seu autor focando apenas no artigo *Urupês*, e esquecendo-se de outras obras que também incluíram o caipira e o ressignificaram, como *Problema Vital*; *A Barca de Gleyre*; ou mesmo a coletânea de ensaios de crítica e estética que Lobato publica, depois, com o título de *Ideias de Jeca Tatu*, na qual incorpora a si mesmo, como “intelectual” brasileiro, a alcunha de Jeca.

Após o trecho de Silviano Santiago, Cereja e Cochar sugerem duas questões a serem respondidas abertamente: “4) a) Relacionando o comentário de Lobato ao do crítico Silviano Santiago, responda: Que outra causa social é responsável pela falta de apego do caboclo à terra?” e “b) Explique este trecho de Silviano Santiago: ‘[Lobato] posava de libertador do povo e, no entanto, era injusto e impiedoso para com esse povo’” (2009, p. 386). As duas perguntas pecam ao tratar o trecho de Santiago como verdade absoluta, sem espaço para discussão. Localizar informações no texto e explicar uma frase não permitem a dúvida, pois deve-se obedecer à orientação com as poucas informações que se tem em mãos. Nesse sentido, tanto o trecho recortado do artigo de Silviano Santiago quanto as questões construídas a respeito dele podem conduzir o aluno a não ler a obra lobatiana e ainda a execrar a figura do intelectual Monteiro Lobato, sem ao menos aprofundar-se na leitura. A sequência pela qual se organizam os textos e sua extensão também parecem bastante tendenciosas: primeiro o trecho de *Urupês*, ocupando meia página; segundo o comentário de Toledo, em um box; e por fim o trecho de Santiago e as questões, em quase meia página.

Para finalizar essa primeira análise, instigados pelo questionamento “Que se pode esperar, mais tarde, da capacidade de leitura — e da compreensão de textos — de alunos tão mimados com a imagem?” que se faz Osman Lins (1977, p. 137), devemos retomar a armadilha que mencionamos mais atrás. Apesar de, na apresentação do livro didático, Cereja e Cochar criticarem a hegemonia da mídia e da imagem no mundo atual, acabam reproduzindo esse modelo. Um exemplo seria, na seção destinada a Lobato, a escolha de dois fragmentos de textos pertencentes ao mundo midiático e que não são tão representativos dos estudos sobre a obra de Lobato no universo acadêmico como os de Marisa Lajolo ou Marcia Camargos, citando dois nomes importantes. Outro, bastante nítido, seria a presença de diversas imagens sem um propósito, apenas acompanhadas de legenda. Não as retomam nem as discutem, interpretam, comentam ou contextualizam. Servem para configurar a “Disneylândia pedagógica”, conceito de livro didático ironicamente inventado por Osman Lins (1977).

Seguindo com a nossa proposta de análise, percebemos que o tratamento dado à obra de Monteiro Lobato e ao personagem Jeca Tatu, no livro de Nicola, consegue, ainda que seja sucinto — já que apenas duas páginas versam sobre o autor de fato, havendo mais duas com textos literários —, abranger uma grande parte da carreira de Lobato.

Após uma breve biografia, quatro parágrafos descrevem pontos importantes da literatura lobatiana. Vejamos o trecho em que aborda o Jeca Tatu: “Nesse aspecto — a



gente do Vale do Paraíba —, está o traço mais importante da ficção lobatiana: a descrição e a análise do tipo humano característico da região, o caboclo Jeca Tatu, a princípio chamado de vagabundo e indolente (mais tarde, o autor denuncia a realidade daquela população subnutrida, socialmente marginalizada, sem acesso à cultura, acometida por toda a sorte de doenças endêmicas)” (2007). Mais descritivo e menos taxativo, Nicola procura mostrar aspectos gerais da obra de Monteiro Lobato sem cair no simplismo, pois a menção da mudança de visão de Lobato com o tempo indica uma acurada pesquisa.

Além disso, não recorre a textos críticos ou midiáticos, o que implicaria a tomada de posição, seja drástica ou sutil, através do elogiar demasiadamente o autor ou do denegrir sua imagem ou obra. Uma interessante seleção de texto, ainda que discreta e curta, é a de um trecho da canção *Jeca Total*, de Gilberto Gil. Deve-se notar que a canção não está na íntegra nem possui unidade de sentido e nenhuma atividade é proposta para relacioná-la com o personagem ou a obra de Lobato. No entanto, tomada apenas como sugestão, o caminho da música para a literatura pode incentivar leitores que preferem ou se sentem mais íntimos com a primeira. E a clara relação intertextual entre os textos de Lobato com o Jeca e a canção de Gil suscita não só possibilidades várias de leitura dos alunos, como também uma alternativa de abordagem do professor em sala de aula, levando o CD e uma história com o Jeca, por exemplo.

Por fim, não podemos deixar de mencionar a forte atuação das imagens na seção de Monteiro Lobato no livro de Nicola. Em quatro páginas, encontram-se seis: uma foto, três capas de livros e duas ilustrações. Espaço que poderia ter sido usado para a reprodução da letra de *Jeca Total*. Igual ao caso de Cereja e Cochar, nenhuma dessas imagens se utiliza com algum propósito específico. No entanto, Nicola não se autoproclama defensor da palavra contra os inimigos da mídia e do imagético. Segue sua proposta, que possivelmente — não podemos afirmar, pois o autor se abstém no tema — incluía a defesa das imagens no livro didático.

## 5. Considerações finais

Buscamos, neste trabalho, averiguar e analisar como se abordam a obra de Monteiro Lobato e o seu personagem Jeca Tatu em dois livros didáticos. Para isso, empreendemos uma breve pesquisa bibliográfica sobre o livro didático, estudamos o personagem Jeca Tatu a partir de diversos textos lobatianos e pudemos, assim, apontar certos deslizos e certos encaminhamentos de leitura crítica nas obras pedagógicas avaliadas.

Não nos compete indicar “o melhor” ou “o pior” nem orientar se um se compõe de modo “correto” e outro de modo “errado”. Nossas considerações se detiveram no âmbito dos recursos ofertados pelo livro didático. Exemplos disso seriam nossos comentários acerca dos textos midiáticos ou de imagens, em Cereja e Cochar, e da canção de Gilberto Gil, em Nicola.

É importante observar que, como aponta Bender (2006, p. 34), “O livro didático pode se tornar um aliado ou um vilão, dependendo de como é usado”. O professor, portanto, em sua condição de leitor experiente que pode conduzir uma orientação, tem autonomia no uso ou na adaptação do material que lhe é oferecido. Nada adianta um material perfeito se o professor não conseguir explorá-lo. Ainda que muitos considerem

utópico, concordamos com Pinheiro (2006), para quem “[...] o melhor mesmo para a literatura é ir direto às fontes” (p. 103).

Desse modo, convictos de que a Literatura Brasileira não cabe no livro didático e de que este não atua sem ser subjugado ao trabalho do professor é que escrevemos estas breves reflexões.

## Referências

BENDER, Eliane Andrea. **O Livro Didático de Literatura para o Ensino Médio**. Dissertação de mestrado. UFRS, 2006.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Leitura e Política**. In: *Leitura: Teoria & Prática*. Ano 18 – jun. 1999 – n. 33. Associação de Leitura do Brasil.

CEREJA, William; Cochar, Thereza. **Literatura Brasileira – Em Diálogo com Outras Literaturas e Outras Linguagens**. São Paulo: Atual, 2009.

LINS, Osman. **Do Ideal e da Glória. Problemas Inculturais Brasileiros**. São Paulo: Summus Editorial, 1977.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre (1º tomo)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951.

\_\_\_\_\_. **A Barca de Gleyre (2º tomo)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951.

\_\_\_\_\_. **Jeca Tatuzinho**. Disponível em: [http://lobato.globo.com/misc\\_jeca.asp](http://lobato.globo.com/misc_jeca.asp). Acesso em 14 de janeiro de 2015.

\_\_\_\_\_. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1951.

\_\_\_\_\_. **Urupês**. São Paulo: Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Zé Brasil**. Disponível em: [http://lobato.globo.com/misc\\_zebrasil.asp](http://lobato.globo.com/misc_zebrasil.asp). Acesso em 14 de janeiro de 2015.

MANGUEL, Alberto. Um leitor no Bosque do Espelho. In: **No Bosque do Espelho – Ensaios sobre as palavras e o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira – Das Origens aos Nossos Dias**. São Paulo: Scipione, 2007.

PINHEIRO, HÉLDER. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia. **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RANGEL, Egon. Literatura e Livro Didático no Ensino Médio: Caminhos e Ciladas na Formação do Leitor. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (orgs.). **Leituras Literárias: Discursos Transitivos**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

SANTIAGO, Silvano. **Um Dínamo em Movimento**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs28069804.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2015.

